

A educação e o papel da televisão

CARLOS ALBERTO RABAÇA*

A disparidade entre o progresso tecnológico e o desenvolvimento social da humanidade é uma evidência desde a aurora da civilização. O avanço da tecnologia desenvolveu a riqueza do homem, mas a lacuna moral entre o poder econômico e a sua capacidade educativa deixa muito a desejar. A educação, no seu sentido mais abrangente, de um complexo processo de formação integral do homem, continua a ser entendida apenas como direito dos indivíduos e dever do Estado e não como responsabilidade da sociedade como um todo. Na verdade, formas tradicionais de se educar, tendo a escola no centro do processo, há muito se alteraram. Não há mais anteparos à aprendizagem. A educação é processo permanente e recíproco de influenciação, envolvendo todas as formas de comunicação, em que somos, a um só tempo, agentes e pacientes.

Assim, convencido da amplitude dos fenômenos da educação e da comunicação, reflito diariamente sobre o papel da televisão como instrumento de elevação cultural de nosso povo, não necessariamente na qualidade de canal oficial, mas também como veículo privado com interesses comerciais. Neste caso, a televisão brasileira, como na maioria dos países, exerce sua atividade subordinada a três missões fundamentais: instruir, informar e divertir, cuja ordem de prioridade decorre da opção programática em função da audiência e, pior, sem uma clara orientação cultural das autoridades a que se vinculam, já que tais canais exercem suas atividades como fruto de uma concessão. Nos Estados Unidos, assim que a TV começou a se tornar popular, foi criada uma Comissão Federal de Comunicação. No nosso país, não há o cumprimento de regras básicas, apesar de a própria Constituição textualmente informar que "compete à lei federal regular as diversões e os espetáculos públicos". O que se vê hoje são cenas de lutas selvagens que marcam disputas entre emis-

soras. Será que a baixaria se tornará uma regra na programação das TVs abertas? Será que a TV precisa descer às raias do mau gosto? Além da pobreza dos programas dominicais, o sensacionalismo vai tomando conta dos horários semanais noturnos: *Ratinho livre*, *Aqui e agora*, *Na rota do crime*, entre outros. Graves questões sociais emergem como espetáculos irreverentes e impactantes, atingindo pessoas com profundas carências e deficiências, no objetivo de dramatizar a desgraça alheia.

Questões muito controvertidas, em seus múltiplos aspectos, se apresentam. A televisão é capaz de modificar a conduta individual e coletiva? Quais as suas consequências morais e educacionais? Até que ponto os efeitos correspondem às intenções? A televisão tem contribuído para o aumento da violência? Do ponto de vista dos efeitos, quais as diferenças entre os sistemas monopolistas e pluralistas? São questões, todas elas, terrivelmente polêmicas. Peritos admitem que nem mesmo as pesquisas mais sofisticadas podem identificar antecipadamente as pessoas mais propensas a criarem problemas em função dos programas de TV a que assistiram. Será que podemos prescindir do potencial teledidático que as televisões poderiam desenvolver, através de exemplos, atitudes, valores éticos e de informações úteis, sobretudo para as gerações jovens? Toda essa discussão não pretende avançar na linha moralista, mas determinar uma linha ética e aprofundar a reflexão sobre a TV brasileira.

Infelizmente, muitas vezes a televisão impede de pensar. Nos programas de auditório e novelas, a fronteira entre realidade e ficção é cada vez menor: a produção e a edição televisiva impedem que a pessoa sequer reflita sobre o que se passa, confundindo o real com o ilusório, fazendo com que o mundo simulado da imaginação lhe pareça mais verdadeiro que a própria vida.

Nunca houve uma necessidade tão grande de discutir a televisão como hoje, até

porque já existe uma indignação pública perfeitamente identificada. Tenho que admitir que a televisão poderia desempenhar papel de grande importância no desenvolvimento e na socialização de uma criança – papel equiparável ao da família, da escola ou da igreja. Esforços isolados acontecem, mas ainda são insuficientes.

A esse propósito, vale para os governantes, como para os pais, professores e comunicadores, a advertência de Bertrand Russel: "O homem que possuir respeito não pensará ser seu dever moldar o jovem. Sente, em tudo quanto vive, mas especialmente nas crianças, algo de sagrado, indefinível, ilimitado, algo individual e estranhamente precioso: o princípio de vida em crescimento, um fragmento corporificado do desígnio oculto do mundo. Na presença de uma criança, sente uma inexplicável humildade, difficilmente justificável em bases racionais e, contudo, mais próxima da sabedoria do que a tranquila autoconfiança de muitos pais e professores. A educação visa capacitar a pensar e não a fazer pensar o que os professores pensam."

Poderia agora, parodiando Bertrand Russel, concluir que a televisão precisa, pois, fazer o telespectador, jovem e adulto, desenvolver sua própria verdade, seu próprio pensamento, educando-o para a vida e para a dignidade, democratizando a informação e o conhecimento, podendo ser um valioso instrumento a serviço da cultura nacional. Com a crescente consciência política e social, cabe a cada brasileiro exigir, lutar, reivindicar a melhoria da qualidade de programação da televisão brasileira, transformando-a num eficiente agente de transformação e de educação social, que estimule o rigor crítico, a dúvida metódica, a moderação, o não prevaricar, a tolerância, o respeito pelas idéias alheias e pela liberdade. É tudo o que a gente precisa.